

CARTAS PARA MINHA MÃE, DE TERESA CÁRDENAS: RACISMO E RESISTÊNCIA NA VOZ DE UMA LITERATA NEGRA

CARTAS PARA MINHA MÃE, DE TERESA CÁRDENAS: RACISMO Y RESISTENCIA EN LA VOZ DE UNA LITERARA NEGRA

Andre Rezende Benatti¹

Alcione Rafael Candido²

110

RESUMO: O objetivo deste trabalho é analisar o racismo sob a perspectiva da personagem principal – uma criança, negra e órfã –, do romance epistolar *Cartas para minha mãe*, da escritora cubana contemporânea Teresa Cárdenas. A narrativa se desenvolve em torno de uma personagem que não teve o que chamamos hoje de infância, e que, assim, entra na adolescência. Todavia, nosso foco será voltado para a condição negra da narradora, que a todo o momento sofre com os mais diversos tipos de preconceitos, além de ter que lidar com uma fase difícil: a passagem da infância para a puberdade. Desta forma este trabalho pretende discutir as questões que envolvem a infância rodeada de preconceitos da personagem principal do romance de Cárdenas ao passo que observaremos as reações e as percepções da criança frente ao racismo. Para as análises do romance, da infância da narradora e da contextualização histórica do processo de colonização da América Latina e do processo psicossocial do sentimento de inferioridade do negro e de superioridade do branco, utilizaremos os textos dos seguintes estudiosos: Cabo Aseguinolaza (2001); Ariès (1981); Fanon (2008); Gates (2014) e Souza (2015), entre outros textos teóricos.

PALAVRAS-CHAVE: *Cartas para minha mãe*; Teresa Cárdenas; literatura negra; racismo; infância.

RESUMEN: El objetivo de este artículo es analizar el racismo desde la perspectiva del personaje principal - una niña, negra y huérfana -, de romance epistolar *Cartas para minha mãe*, de la escritora cubana contemporánea Teresa Cárdenas. La narrativa se desarrolla alrededor de un personaje que no tuvo lo que llamamos infancia hoy, y por lo tanto ingresa a la adolescencia. Sin embargo, nos centraremos en la condición negra del narrador, que en todo momento sufre todo tipo de prejuicios y tiene que lidiar con una fase difícil: el paso de la infancia a la pubertad. Por lo tanto, este trabajo tiene como objetivo discutir los problemas que involucran la infancia rodeada de prejuicios del personaje principal de la narrativa de Cárdenas, mientras observaremos las reacciones y percepciones de la niña contra el racismo. Para el análisis del romance, la infancia de la narradora y la contextualización histórica del proceso de colonización de América Latina y el proceso psicossocial del sentimiento de inferioridad del negro y superioridad del blanco, utilizaremos el siguiente relleno teórico: Cabo Aseguinolaza (2001); Ariès (1981); Fanon (2008); Gates (2014) e Souza (2015), entre otros textos teóricos.

PALABRAS CLAVE: *Cartas para minha mãe*; Teresa Cárdenas; literatura negra; racismo; infancia.

¹ Doutor em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor Adjunto da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. E-mail: andre_benatti29@hotmail.com

² Graduada em Letras – Português/Espanhol na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. E-mail: alcioner.almada@hotmail.com.

Considerações iniciais

111

Cada sujeito percebe o mundo e suas convenções de acordo com suas subjetividades e experiências. Os fenômenos que constituem o mundo também são percebidos por óticas distintas de indivíduos distintos. A exploração dos negros africanos, o racismo, os preconceitos étnicos foram e são fenômenos violentamente antissociais e desumanos, mas que, por muitos séculos (e até hoje, na maioria das vezes de modo velado), subsiste nas relações sociais e culturais. Exemplos disso são as dicotomias que podemos observar ao comparar os elementos, a religião, a dança, a música, a literatura, pertencentes às culturas europeias e aquelas oriundas das culturas africanas, asiáticas ou latino-americanas. A dança, a música, a arte europeia vale mais que as demais. Ainda mais agravante: os indivíduos europeus, os brancos, valem mais que os demais, principalmente se “os demais” se referir aos negros.

Quanto às perspectivas sobre uma mesma circunstância, sabemos que enquanto para os brancos a exploração serviu como meio de enriquecimento e difusão do preconceito, sendo vista pela maioria deles como algo vantajoso e natural, como se explorassem animais; para os negros, a percepção dos mesmos fatos foi demarcada pela dor e pelo complexo de inferioridade. A mão que chicoteia, o chicote e o chicoteado vivenciam a mesma cena, mas se cada um desempenha um papel diferente, as experiências também serão diferentes. De um lado, o agressor que talvez não se veja assim, o branco, empunhando um chicote. Do outro lado, o negro, nada além disso: para o senhor de escravos, quase um animal.

Porém, se o branco e o negro sentiram e sentem de modos diferentes a escravidão e suas mazelas, como uma criança negra a sente? Como uma criança negra, que nasce sem qualquer complexo de inferioridade, sem saber sobre distinções étnicas vai, ao longo da infância, recebendo direta e indiretamente fragmentos de preconceito e racismo e incorporando-os ou resistindo a eles?

Essas são questões que se fazem presentes na nossa realidade cotidiana e talvez no mundo todo. No âmbito literário, como essas questões são representadas? Como esses sentimentos e desilusões corporificam-se numa obra ficcional?

Assim, o que pretendemos neste trabalho é focar nossas análises para a personagem principal – uma menina negra e órfã –, do romance epistolar *Cartas para*

minha mãe, da escritora cubana contemporânea Teresa Cárdenas. A narrativa se desenvolve em torno de uma personagem que não teve o que chamamos hoje de infância, e que, assim, entra na adolescência. Todavia, nosso foco será voltado para a condição negra da personagem, que a todo momento sofre com os mais diversos tipos de preconceitos, além de ter que lidar com uma fase difícil: a passagem da infância para a puberdade. Desta forma este trabalho pretende discutir as questões que envolvem a infância rodeada de preconceitos da personagem principal do romance de Cárdenas ao passo que observaremos as reações e as percepções da criança frente ao racismo.

A autora do livro em questão, Teresa Cárdenas (Matanzas, 1970), vem destacando-se entre a atual geração de escritores cubanos. Dentre seus ofícios enquanto mulher e mãe, destacam-se o de contadora de histórias, bailarina, roteirista, atriz e assistente social. Segundo o site da editora Pallas que publicou duas de suas obras – *Cartas para minha mãe* e *Cachorro velho* –, a escritora é membro da Associação de Escritores da União de Escritores e Artistas de Cuba e recebeu vários prêmios: pelo livro *Cartas para a minha mãe*, o Prêmio David, em 1997; Prêmio da Asociación Hermanos Saíz, no ano de 1997; Prêmio Nacional da Crítica Literaria, em 2000. Foi publicado em Cuba, Canadá, Estados Unidos, Suécia e, no Brasil, através da Pallas Editora. Pela obra *Cachorro velho*, recebeu o Prêmio Casa de las Américas, em 2005; Prêmio de la Crítica Literaria, no ano de 2006; Prêmio La Rosa Blanca. Foi publicado em Cuba, Canadá, Estados Unidos, Suécia, Coreia do Sul e no Brasil também pela Pallas Editora.

Ainda conforme o site da Pallas Editora, ambos os livros mencionados acima foram utilizados em programas de leitura em escolas brasileiras públicas e privadas. Seus contos estão em distintas antologias em Cuba e outros países e suas obras foram estudadas em pesquisas para o desenvolvimento de ensaios literários e teses universitárias em Cuba, Estados Unidos, Colômbia, Venezuela e Brasil.

Apesar de que, atualmente, tenhamos mais pesquisas que demonstram a valorização da cultura e da etnia negra e o cuidado e a preocupação em evidenciar as desigualdades, o sofrimento e a violência pelas quais os negros passaram e ainda passam, podemos considerar que não se esgotaram o mar de possibilidades de autores, leituras e leitores sobre esses vieses escravocratas e coloniais e, principalmente, sobre como a escravidão do negro se dá na contemporaneidade, de modo sutil, nem por isso menos perverso.

Em um momento de grandes discussões sobre minorias, falar sobre o preconceito e o racismo não é novidade, mas quando nos referimos a uma literata mulher, o fato de ela ser negra se torna mais um acréscimo para a falta de credibilidade, respeito e até mesmo de valor. Não bastava ser negra e sofrer preconceitos com a cor da pele, Teresa Cárdenas desafiou os padrões e se tornou uma escritora que trata sobre essa dor. Também, é interessante notar, e assim desenvolvermos no decorrer do trabalho, a visibilidade que Cárdenas confere à infância da mulher negra.

Para as análises da narrativa, da infância da personagem principal e da contextualização histórica do processo de colonização da América Latina e do processo psicossocial do sentimento de inferioridade do negro e de superioridade do branco, utilizaremos o seguinte arcabouço teórico-crítico: *Infancia y modernidad literaria*, de Fernando Cabo Aseginolaza (2001); *História social da infância e da família*, de Philippe Ariès (1981); *Pele negra, máscaras brancas*, de Franz Fanon (2008); *Os negros na América Latina*, de Henry Louis Gates (2014) e *A ambígua condição negra em Cuba: Relações Raciais e Mobilizações Coletivas Antirracistas*, de Bárbara Oliveira Souza (2015), entre outros textos teóricos.

1. A escravidão em Cuba: sequelas

Algumas pessoas não sabem ser negras. Tenho pena delas. (CÁRDENAS, 2010, p. 20)

Ela [a avó] quer trabalhar como empregada na casa de uma família branca. E embora titia proteste, dizendo que isso é coisa do passado, ela insiste que não sabe fazer outra coisa. (CÁRDENAS, 2010, p. 13)

Para compreendermos o porquê de tamanhas desigualdades entre brancos e negros, no presente, é preciso voltar ao passado. O passado no qual homens, mulheres e crianças indígenas e negras foram exploradas, violentadas, torturadas e subjugadas. Passados 500 anos de descobrimento das Américas, a exploração e a inferiorização dessas etnias ainda está tão presente quanto há séculos atrás.

A escravização, grosso modo, já é conhecida dentro da nossa história. Assim como muitos outros acontecimentos que marcaram para sempre as décadas seguintes, a escravidão também deixou suas marcas impregnadas que dificilmente serão apagadas.

Segundo Henry Louis Gates, escritor, crítico literário e educador norte-americano, em *Os negros na América Latina*:

Nas escolas americanas, em geral, a história da escravidão é ensinada (quando chega a ser ensinada) mediante estereótipos simples de sequestros por brancos, dispersão de membros das mesmas tribos no estrado do leilão (a fim de impedir as comunicações e, portanto, rebeliões) e total afastamento das comunidades negras no Novo Mundo entre si e de suas origens africanas. A constatação de que alguns membros da elite africana eram agentes ativos no tráfico escravista e viajavam ao Novo Mundo e à Europa (e depois voltavam para a África) com objetivos comerciais, diplomáticos ou educacionais é, além de surpreendente, muito perturbadora. (GATES, 2014, p. 10)

Diante deste apontamento quanto ao ensino superficial em relação à história da escravidão, surge a pergunta: Como as escolas, não apenas brasileiras ou cubanas, mas as escolas latino-americanas, têm difundido os conhecimentos sobre a colonização e as explorações a que os senhores submetiam seus escravos? Não temos a intenção de responder esta pergunta, apenas de colocá-la para trazer mais reflexões.

Ainda no contexto brasileiro, há cerca de quinhentos anos, os portugueses criaram um império açucareiro na região dos atuais estados da Bahia e de Pernambuco. Essa região foi uma das maiores economias de plantations do mundo. Portanto, necessitavam de muita mão de obra. Inicialmente, usaram os indígenas como mão de obra escrava, mas não aceitaram ser escravizados e foi então que os europeus começaram a importar africanos em massa. Em pouquíssimo tempo, o Brasil se tornaria um dos maiores produtores de açúcar no mundo e longe disso não estava Cuba, que tomou a posição de maior produtora de açúcar após a queda do Haiti:

Entre 1651 e 1866, Cuba recebeu da África 779 mil escravos - 329 mil além do total de escravos chegados aos Estados Unidos -, e a maior parte deles desembarcou depois de 1801 e da Revolução Haitiana, após o colapso da economia açucareira do Haiti. Cuba teve então de substituir o Haiti como maior produtor mundial de açúcar. (GATES, 2014, p. 149).

Quando a Revolução Haitiana extinguiu o comércio açucareiro do Haiti, os colonos espanhóis e a elite crioula de Cuba perceberam que a amarga falência açucareira do Haiti poderia ser uma doce oportunidade econômica. A partir de então, Cuba passou a importar milhares de escravos para o aumento de produção de açúcar. Começava, desde o

processo de importação, a violência e os maus tratos aos escravos. O poema “O Navio Negreiro” (2013), de Castro Alves, ilustra um sofrimento que foi comum a diversas regiões do globo:

Tinir de ferros... estalar de açoite...
 Legiões de homens negros como a noite,
 Horrendos a dançar...
 Negras mulheres, suspendendo às tetas
 Magras crianças, cujas bocas pretas
 Rega o sangue das mães:
 Outras moças, mas nuas e espantadas,
 No turbilhão de espectros arrastadas,
 Em ânsia e mágoa vãs!
 [...]
 Presa nos elos de uma só cadeia,
 A multidão faminta cambaleia,
 E chora e dança ali!
 Um de raiva delira, outro enlouquece,
 Outro, que martírios embrutece,
 Cantando, geme e ri!
 (ALVES, 2013, p. 20-21)

O trecho do poema transcrito evidencia o cativo de homens, mulheres e crianças acorrentadas e aprisionadas como se executassem uma dança macabra, famintos e lamentando seu destino.

No romance *Cartas para a minha mãe*, após apanhar de sua avó, a protagonista assim escreve em seu diário, aludindo às torturas que ocorreram aos negros durante a escravidão: “Mamãe, a coluna me dói toda. Vovó me espancou como se fazia com os escravos” (CÁRDENAS, 2010, p. 37).

Voltando ao contexto histórico da escravidão, em 1820, Cuba era a maior exportadora de açúcar do mundo e a maior economia escravista do hemisfério Ocidental. Por estes e outros motivos, a nação foi uma das últimas a abolir a escravidão, em 1886, 21 anos após a abolição dos Estados Unidos e sendo apenas dois anos antes da abolição Brasil (cf. GATES, 2014).

Em entrevista com a pesquisadora e professora María del Carmen Barcia, que dedicou sua carreira ao estudo da escravidão em Cuba, Gates (2014) pergunta sobre o cotidiano em plantações como Angerona, se os escravos eram obrigados a trabalhar até morrer, como acontecia no Brasil, devido ao grande número deles. Barcia responde que, ao contrário do Brasil, os escravos importados para Cuba eram caros e, por esta razão, os senhores buscavam mantê-los vivos e aptos para que pudessem trabalhar.

Quanto às sequelas referidas no título deste capítulo, Barcia explicitará algumas que foram deixadas após o período da colonização. Segundo ela, depois da abolição em Cuba, em 1886, o mercado de trabalho foi aumentado tomado por cerca de mais de 200 mil homens negros. E algo que pouco é discutido quando se fala em abolição da escravatura é sobre as condições nas quais esses homens se encontravam quando tiveram a liberdade. Quase todos eram analfabetos e sem qualificação alguma, sabiam somente trabalhar em serviços braçais pesados, como fizeram durante todas suas vidas para os senhores brancos. Passaram, então, a ocupar os serviços mais subalternos e mal remunerados e, desde então, indivíduos negros têm menos chances de conseguir trabalhos mais bem remunerados na sociedade: “Nem todos os pobres são negros, mas um maior número de negros são pobres, e isso vem da escravidão”, fala da professora Carmen Barcia (GATES, 2014, p. 150-151).

São essas sequelas que podemos observar representadas no romance *Cartas para minha mãe*, quando a protagonista nos revela um pouco sobre sua avó:

Ela [a avó] trabalha para a família branca de que falei. Cozinha, lava, passa e tudo mais que aparece para fazer na casa deles. Se mata de tanto trabalhar, mas não reclama. Pelo contrário, fala maravilha deles, embora lhe paguem um tiquinho de nada. (CÁRDENAS, 2010, p. 29-30)

O negro, ainda hoje, é subserviente ao branco. É escravo-livre dos brancos. Desde suas raízes, a sociedade vai incutindo no sujeito negro que ele é menos que os outros e, assim, ele vai aceitando que merece menos, como se a escravidão não fosse algo ilógico, irracional, mas como se estivesse nela todo o sentido de sua existência: querem, até hoje, fazer com que a população negra acredite que nasceu inferior e nasceu para ser escrava, para trabalhar não “com” os brancos, mas sim “para” os brancos.

Franz Fanon, em seu livro *Peles negras, máscaras brancas* (2008), analisa, através de suas próprias experiências e as de seus colegas, como é ser um negro nas Antilhas. Segundo ele, só há o complexo de inferioridade do indivíduo negro após o duplo processo que envolve a condição econômica e a interiorização dessa inferioridade (FANON, 2008). O negro, para Fanon, não é um homem. É um homem negro, sua cor se destacando sempre, antes de qualquer outro valor ou característica. Esclarece ainda que para o negro há apenas um destino e ele é branco, ou seja, o melhor destino para um negro é “ser” branco, embranquecer sua geração ou, se não puder embranquecer a pele, embranquecer seu modo de vida: agir como um branco agiria, consumir produtos, cultura, literatura que vem dos brancos, vestimentas que brancos usam:

Compreendemos agora porque o negro não pode se satisfazer no seu isolamento. Para ele só existe uma porta de saída, que dá no mundo branco. Onde a preocupação permanente em atrair a atenção do branco, esse desejo de ser poderoso como o branco, essa vontade determinada de adquirir as propriedades de revestimento, isto é, a parte do ser e do ter que entra na constituição de um ego. Como dizíamos há pouco, é pelo seu interior que o negro vai tentar alcançar o santuário branco. A atitude revela a intenção. (FANON, 2008, p. 60)

É pelo interior, pelos costumes, pelas escolhas do vestuário, do modo de falar, andar, agir, que o negro poderá ser mais branco tendo em vista que, exceto suas próximas gerações, ele não conseguirá embranquecer sua pele. É rejeitando sua negritude que se aproximará da branquitude. É assimilando os valores das culturas brancas que escapará de suas culturas afros. No romance, a protagonista assim escreve em seu diário: “Mamãe, minha avó diz que é bom apurar a raça. Que o melhor que pode acontecer com a gente é casar com um branco” (CÁRDENAS, 2010, p. 13).

“Apurar a raça”, como a menina escreve, trata-se de “Embranquecer a raça, salvar a raça, mas não no sentido que poderíamos supor: não para preservar ‘a originalidade da porção do mundo onde elas cresceram’, mas para assegurar sua brancura” (FANON, 2008, p. 57). Branqueando-se por dentro e branqueando suas gerações, assim faz o negro quando sente que sua pele o torna menor que outros. Salvar a raça negra na tentativa de extingui-la de si e dos seus. Trata-se de livrar-se da dor e do fardo de carregar pesos da escravidão que ainda não acabou e que adquiriu novas faces.

1.1. Condição do negro em Cuba

Ser negro no Brasil e ser negro em outra parte do mundo não se trata de situações equivalentes. Cada país, determinado por sua economia, culturas, línguas e povos, vai tratar o sujeito negro de modos particulares.

Gates, em *Os negros na América Latina* (2014), relata suas viagens e suas conversas com personalidades negras ou que estudavam as condições do negro em países como Brasil, México, Peru, República Dominicana, Haiti e Cuba. A partir das viagens e pesquisas que realizou, o estudioso afirma no início do livro que a pergunta mais importante que o livro procura responder é: “o que significa ser “negro” nesses países?” (GATES, 2014, p. 9). Pondera que a resposta para tal pergunta varia de um ponto a outro da América Latina. O último capítulo do livro, intitulado “Cuba: A próxima revolução cubana” enfoca os processos de escravidão em Cuba e de como o racismo ainda persiste no país. Conforme o crítico, referindo-se à fala de Matory, “os debates sobre ‘raça’, quase sempre envolvem classe” (GATES, 2014, p. 10) e todas as sociedades dos países visitados por ele têm em comum o fato de que

[...] as pessoas de origem africana “mais pura” ou “sem mistura” ocupam, desproporcionalmente, a parte mais baixa da escala econômica. Em outras palavras, as pessoas de pele mais escura, de cabelo mais encarapinhado e de lábios mais grossos formam em geral o grupo mais pobre da sociedade. Ou seja, nesses países, a pobreza foi construída socialmente em torno de graus de origem africana óbvia. (GATES, 2014, p. 15)

Como já enfatizado no tópico anterior, essas sequelas são legados da escravidão e da perpetuação do racismo nas sociedades que se classificam como isentas de racismo e que aparentemente parecem prezar pela igualdade entre os cidadãos.

Gates trouxe para o livro a conversa com a professora e historiadora Graciela Chailloux. A professora diferencia o período no qual Fulgencio Batista (1901-1973) manteve-se no poder, cerca de 26 anos e, ainda que mulato, não tomou nenhuma medida política e humana para garantir mais dignidade e igualdade para a população negra e, o período após Batista, quando Fidel Castro (1926-2016) tomou o poder, em 1959.

No ano de 1957, apesar de Cuba ostentar a segunda renda per capita da América Latina, havia muita desigualdade: os ricos enriqueciam cada vez mais e os pobres se afundavam mais e mais na miséria. De um lado, uma Cuba próspera e majoritariamente

branca. Do outro, uma Cuba rural ou urbana, pobre e predominantemente negra. No ano de 1953, entre 15% e 20% da população estava desempregada e as famílias que trabalhavam recebiam em média seis dólares por semana. De acordo com Chailloux, o governo de Fidel

[...] dispôs-se a transformar Cuba num país onde os brancos, os negros, os mulatos, os ricos e os pobres fossem iguais. Fidel declarou a ilegalidade do racismo e eliminou muitas políticas informais que discriminavam os afro-cubanos. Dessegregou clubes sociais, parques públicos e praias. Criou um novo órgão público incumbido de eliminar a discriminação racial na contratação de recursos humanos. O governo confiscou propriedades e casas abandonadas e redistribuiu-as a famílias pobres, brancas e negras. (GATES, 2014, p. 169)

Ainda conforme a professora, o governo de Fidel passou a promover a educação e assistência médica a todos, sem quaisquer distinções. Porém, Gates afirma que, apesar destas transformações ou tentativas de transformação, Cuba ainda era extremamente desigual, principalmente em relação aos negros. A revolução promovida por Fidel Castro não representou grande alteração para a maioria da população negra.

A pesquisadora brasileira Bárbara Oliveira Souza, em sua tese de doutorado *A ambígua condição negra em Cuba: Relações Raciais e Mobilizações Coletivas Antirracistas* (2015), relata que foi morar em Cuba para fazer suas pesquisas e observar como é ser negro no país e como se estabelecem as relações raciais, o mito cubano da igualdade e as percepções sociais sobre identidade. A pesquisadora pontua em sua introdução que a população cubana é constituída por 64,1% de indivíduos brancos, 9,3% de negros e 27,6% de mestiços, de acordo com o Censo de 2012. No entanto, essas porcentagens são questionadas pelos coletivos e ativistas antirracistas, possivelmente porque não condiz com o cenário real.

Souza (2015), assim como Gates (2014), também aborda o período após a Revolução. Segundo ela, já nos primeiros anos da Revolução, se tornaram ilegais as restrições a negros ou brancos em qualquer tipo de local: clubes, centros de trabalho, bairros, instituições.

Até a Revolução, a realidade cubana apresentava contextos bastante segregados. Regiões inteiras do país eram proibidas para pessoas negras, como parques e praias. Em poucos meses, uma mudança crescente da cor dos funcionários dos

bancos, das universidades, dos clubes e casas de show começou a ocorrer. (SOUZA, 2015, p. 24)

Contudo, se a Revolução trouxe mais oportunidades e direitos aos negros, também trouxe o discurso de que o racismo foi abolido no país e, portanto, não se deve falar mais sobre ele. O silenciamento sobre as pautas étnicas e sobre o racismo fez com que não ocorresse o amadurecimento sobre os temas raciais, fazendo com que ocorra, por exemplo, piadas racistas em teatros públicos cubanos (cf. SOUZA, 2015).

Gates (2014) expõe em seu livro que, conversando com os motoristas cubanos que faziam parte da equipe de filmagem, Rafale e Yoxander, percebeu o quanto a questão da cor e do preconceito eram complexos em Cuba. Abaixo uma parte do diálogo que foi transcrita na obra:

Comecei perguntando a Rafael, cuja pele tem a cor do café, de que cor ele é.

‘Sou mestiço’, disse ele. ‘Sou simplesmente um cubano. Uma mistura de todas as raças.’

‘Certo, eu sei disso’, respondi. ‘Mas o que está escrito em sua carteira de identidade?’

‘Branco’, disse ele.

O homem não era branco. E ele não soube me explicar porque sua identidade dizia que é. (GATES, 2014, p. 173-174)

No fragmento acima, percebemos que, mesmo o rapaz sendo negro, tal qual a cor do café, não assume sua negritude e acredita ser mestiço. Para agravar a situação, em seu documento consta que ele é branco. Na sequência do diálogo, o outro rapaz, Yoxander, demonstra em sua fala o sentimento de inferioridade que acomete o negro, fazendo-o acreditar que vale menos e é menos inteligente que o branco:

[...] aí aproveitei a oportunidade para lhes perguntar por que não havia mais professores como eu [negro] nas universidades, e por que os bairros ricos não tinham mais residentes de cor.

‘Acho que talvez seja porque os brancos gostam mais de estudar’, disse Yoxander, surpreendendo-me com sua franqueza. ‘Eles não param de se esforçar, e estão sempre tentando melhorar de vida, dia após dia.’

Como podem imaginar, nesse momento fui tomado de certas emoções fortes. Mas eu não estava conversando com Yoxander para julgá-lo.

‘Por que os negros não têm os mesmos valores?’, perguntei.

‘Talvez seja por causa dos genes deles, da mentalidade deles, do modo como veem a vida, do jeito que são’, ele respondeu. ‘Ou porque, devido ao contexto em que nasceram, estão felizes do jeito que são e não querem nada mais que isso’. (GATES, 2014, p. 173-174)

Segundo a fala de Yoxander, os negros são em sua grande maioria pobres porque não gostam de estudar tanto quanto os brancos. “Os genes, a mentalidade” dos negros é que são os motivos da segregação econômica e não o racismo. Tal justificativa mostra o complexo de inferioridade do negro, mas principalmente, que o próprio negro se vale de discursos racistas para tentar explicar e entender suas condições.

Souza (2015), também, narra em sua tese um momento em que presenciou uma cena de racismo em Cuba:

Na parte antiga da cidade de Havana, conhecida como Habana Vieja, há diversas mulheres que oferecem o serviço de tranças ‘afro’ aos transeuntes que cruzam as ruas. Ao dialogar poucas palavras com uma delas, me foi relatada a diferença de um cabelo ‘bom’ e um cabelo ‘ruim’: a qualidade. O primeiro, liso, seria de melhor ‘qualidade’. O segundo, ‘crespo’, teria uma qualidade inferior, o que justificaria a denominação para o cabelo ‘bom’ e ‘ruim’. Interpelada sobre a possibilidade dessa afirmação ser racista, minha interlocutora teve uma reação explosiva e afirmou: ‘se no Brasil isso é racismo, é um problema de lá. Aqui em Cuba isso não é racismo, pois racismo aqui não existe’. (SOUZA, 2015, p. 30-31)

Novamente, o imaginário de que racismo não existe em Cuba. Logo, o que quer que façam ou digam, insinuando que o negro ou os elementos que pertencem ao negro ou às culturas afros são inferiores, não é considerado racismo ou preconceito. O cabelo crespo afro é uma das principais marcas da etnia. No romance de Cárdenas, a protagonista não deixa que alisem seu cabelo: “Por isso não deixo que passem pente quente em meu cabelo. Não quero ficar parecida com Sara. Prefiro fazer penteados. Como as africanas” (CÁRDENAS, 2010, p. 22). A menina, apesar de muito nova guarda em si o desejo de manifestar sua negritude e deixá-la transparecer. Ainda enfatiza que suas primas, Lilita e Niña, quando brincavam de jogar água uma na outra durante o banho, cuidavam para que a água só caísse da cintura para baixo para não voltarem a ter o cabelo natural (CÁRDENAS, 2010). Assim como a mulher encontrada por Souza (2015), a prima da protagonista, Niña, gostava “de colocar as calçolas ou uma toalha na cabeça e andar de um lado para o outro cantarolando: ‘Meu cabelo é bom! Meu cabelo é liso!’” (CÁRDENAS, 2010, p. 22).

Gates (2014), ao realizar sua pesquisa em cuba, entrevistou o *rapper* Soandres del Rio Ferrer, cujo nome artístico é Soandry, líder de uma das principais bandas de *hip-hop* em Cuba, os *Hermanos de Causa*. Conforme o *rapper*, o “sistema alimenta esse racismo, porque não fala de sua existência. O sistema finge que não existe racismo em Cuba. Durante toda a história de Cuba, o futuro foi posto em primeiro lugar, e a situação dos negros ficou relegada ao segundo plano” (GATES, 2014, p. 180). Logo, ainda que a revolução cubana tenha tido boas intenções, acabou com os elementos culturais dos negros como a história, a cultura, as tradições afro-cubanas. Inclusive, duas músicas da banda foram proibidas pelo governo cubano por abordarem o racismo. Uma delas diz o seguinte:

No, el negro cubano quiere ser igual que el blanco
 Porque cree que el oscuro es atraso y lo claro adelanto
 Tanto así que siempre está riéndose de él mismo a carcajada
 Cuando escucha algún chiste de racismo
 El negro cubano discrimina a su Hermano
 Le levanta la mano
 Y aunque no tiene amo
 Se arrastra como gusano que no tiene nada suyo ³

O cubano negro quer ser igual ao branco. O complexo de inferioridade não somente o faz querer ser branco, mas também a renegar toda herança negra, inclusive a própria cor. Mulato, moreno, mestiço, branco, qualquer termo vale para retirar o peso de ser identificado como negro.

2. A infância e suas particularidades

A infância é uma fase que, atualmente, grande parte da sociedade saberia discorrer sobre. Trata-se da fase humana que compreende o nascimento até cerca dos onze anos de idade, no qual a criança inicia seu desenvolvimento físico, intelectual e afetivo ou não. Serão nestes primeiros anos de existência que a criança poderá observar coisas pela

³Tradução encontrada no livro: Ei, ho/ O cubano preto quer é ser igual ao branco/ Acha que escuro é atraso e que claro é adianto/ Acha graça demais de uma piada racista/ E discrimina até o irmão, que nem um bom nazista,/ Cubano preto não tem patrão, mas rasteja pelo chão (GATES, 2014, p. 179).

primeira vez, sentir o cheiro, sabores, conhecer outras crianças, adultos, animais, lugares, ouvir sons, reconhecer vozes de familiares, aprender as linguagens, aprender um, dois, três idiomas.

No entanto, se nem todos os adultos possuem as mesmas condições de vida, a situação das crianças não é diferente. Isso porque, enquanto pequena, frágil e dependente dos maiores, a criança sofrerá tudo o que estes sofrerem: a ela não cabe outra escolha a não ser aceitar o seio familiar no qual veio e passar pelas precariedades que sua família passar, muitas vezes, sem ter noção do que está acontecendo. Philippe Ariès, em *História Social da Criança e da Família* (1981), explica que

A idéia de infância estava ligada à idéia de dependência: as palavras *filis*, *valets* e *garçons* eram também palavras do vocabulário das relações feudais ou senhoriais de dependência. Só se saía da infância ao se sair da dependência, ou, ao menos, dos graus mais baixos da dependência. (ARIÈS, 1981, p. 32)

Ao contrário de um jovem maior de idade que pode trabalhar, sustentar-se, ter sua própria moradia, escolher o que vai comer, vestir e onde vai passear, viajar, estudar, à criança só resta obedecer e, muitas vezes, obedecer na base de violências verbais ou físicas. São cenários de violência que aumentam, ainda mais, a impotência e a submissão da personagem principal de *Cartas para a minha mãe*: “Eu fiquei para o final. Ela [a avó] bateu em mim de verdade com o galho espinhento” (CÁRDENAS, 2010, p. 23). Em outra passagem, a criança nos revela o quanto se sente solitária e abandonada, convivendo com seus parentes que, por vezes, lhe parecem estranhos: “Acordei chorando. Ninguém veio ver o que estava acontecendo comigo” (CÁRDENAS, 2010, p. 9). Em outra passagem, por fim:

Achei estranho quando ela [a avó] falou a palavra MAMÃE. Era como se ela não soubesse pronunciar direito. Nunca tinha pensado que vovó tivesse mãe, pai ou avó. Ou que, quando era criança, gostasse de fazer isso ou aquilo.

Quando a conheci, já era mal-humorada, com a mão pesada.

Parece que vovó nasceu velha e amarga, com pouco carinho.

[...]

Mas não gosto dela. Ela vive me batendo e nunca me traz um doce.” (CÁRDENAS, 2010, p. 53)

2.1 Fases e sociedades: olhares para a infância

A infância não existe. Assim como outros conceitos dos quais dispomos, a infância é mais um que se cristalizou a tal ponto em nosso cotidiano que, escutar ou ler que ela não existe, traz mais um sentimento de desestabilização do que de descoberta. Afinal, nos descobrimos na infância e descobrimos, também, o outro. Passamos por ela e descobrimos o mundo. Somos acolhidos nos braços de nossos pais, avós, irmãos maiores. Aprendemos a engatinhar, a andar, a falar. Normalmente dormíamos mais cedo e muito. Brincávamos. Íamos para escola. Voltávamos e brincávamos mais. E pareciam infinitas as brincadeiras, até que surgia um adulto para nos mandar tomar banho e dormir. Não é sempre assim? Não. Não é sempre assim para todas as crianças.

Diferentemente, há crianças que a partir do momento que aprendem a andar são forçadas a trabalhar e dão adeus a qualquer tipo de brincadeira. Crianças que não vão à escola porque os pais as colocam para trabalharem. Crianças que são torturadas física e psicologicamente pela família. Crianças que morrem após serem espancadas por seus pais ou parentes. Crianças que são abusadas sexualmente. Crianças que são abandonadas. Logo, se a infância não ocorre da mesma forma para todos e se não é para todos daí a relativização da noção de conceito. Se não fosse um conceito, abarcaria a todas as crianças, tal como a menstruação, por exemplo, ocorre em todas as meninas. A infância não passa de mais um produto da modernidade. Por isso, o crítico espanhol Fernando Cabo Aseguinolaza, em *Infancia y modernidad literaria*, inicia com a seguinte reflexão: “Más que hablar de niños, entonces, habría que hacerlo de la infancia en cuanto concepto cultural”⁴ (CABO ASEGUINOLAZA, 2001, p. 8). Portanto, para além de falar sobre crianças e suas subjetividades e particularidades infantis, trata-se de observar como a sociedade tem lançado olhares para a criança; como a infância era tratada

⁴ “Mais do que falar sobre crianças, teríamos que falar sobre a infância enquanto conceito cultural”. (CABO ASEGUINOLAZA, 2001, p. 8, tradução livre)

antigamente e como é vista hoje, por fim, sempre enquanto conceito. Por isso, Cabo Aseguinolaza afirma que

Más que la presencia de personajes infantiles, por ejemplo, importa el valorar en qué medida la infancia actúa como una noción orientadora e incluso fundamentadora de la literatura. O, al menos, de certa forma de entenderla. Lo cual no es decir sino que el de infancia es un concepto de pleno calado teórico. (CABO ASEGUINOLAZA, 2001, p. 32)⁵

Na obra de Cárdenas, a infância da personagem principal se constitui na visão da criança enquanto um mini adulto. A narrativa se desenvolve em torno de uma menina, negra, que não teve o que chamamos hoje de infância e que, desse modo, entra na adolescência tendo que lidar, desde criança, com o racismo, às vezes vindo de seus próprios parentes, principalmente da avó:

– Cale essa boca, beijuda! Parece uma ave de mau-agouro! – xingou ela [a avó] antes de ir atrás de titia no quarto onde Lilita estava ardendo em febre.

Desde então, todos me chamam de beijuda nessa casa onde eu não queria morar. (CÁRDENAS, 2010, p. 15 -16)

Mulher, negra, e ainda uma criança: três traços da protagonista que a farão se encaixar como um ser impotente e submisso. Desde a antiguidade, estendendo-se aos dias atuais, apesar de muitas melhoras, mulheres e crianças eram consideradas inferiores e, aqui, também, inclui-se o negro:

Mãezinha, vovó está brava comigo. Quer que eu lave a roupa da casa onde ela trabalha. Diz que assim aprendo a fazer alguma coisa de útil e ajudo com o dinheiro que ganhar. Já falou com eles e tudo.

Não quero. Não quero ser doméstica.

[...]

Agora tenho que fazer a limpeza e cozinhar. É uma forma de ganhar a comida que elas [a tia e a avó] me dão. É o que titia diz. (CÁRDENAS, 2010, p. 35)

⁵ Mais do que a presença de personagens infantis, por exemplo, importa avaliar em que medida a infância atua como uma noção orientadora e, inclusive, fundamental da literatura. Ou, pelo menos, de certa maneira de entendê-la. O que não quer dizer que a infância é um conceito de esboço teórico completo. (CABO ASEGUINOLAZA, 2001, p. 32, tradução livre)

Ao contrário de uma simples abstração, a infância envolve uma série de fatores sociais, educacionais que incluem a família, a escola, entre outros.

A infância foi um conceito criado no século XIX. Philippe Ariès em *História Social da Criança e da Família* (1981) discorre sobre os panoramas e os contextos que nortearam a concepção e o imaginário de infância. O autor começa seu livro trazendo para a atualidade um fato antigo que talvez assombre muitos de seus leitores: o acontecimento de um fenômeno comum até o século XVII, o infanticídio tolerado. Não se tratava de uma prática aceita, que fique bem claro e, quando descoberto, o infanticídio era um crime severamente punido (ARIÈS, 1981). Contudo, era praticado em segredo, como se fosse accidental. Muitas crianças, por exemplo, morriam asfixiadas “naturalmente” enquanto dormiam com seus pais ou sozinhas e não se fazia nada para salvá-las. Conforme Ariès:

O fato de ajudar a natureza a fazer desaparecer criaturas tão pouco dotadas de um ser suficiente não era confessado, mas tampouco era considerado com vergonha. Fazia parte das coisas moralmente neutras, condenadas pela ética da Igreja e do Estado, mas praticadas em segredo. (ARIÈS, 1981, p. 12)

Percebemos que, apesar de naquela época ser considerado um crime, o infanticídio não era visto com o mesmo peso que na atualidade. A criança valia tanto quanto um animal. No batismo, por exemplo, diferentemente dos nossos séculos, poderiam ocorrer, algumas vezes, a morte de uma criança sem que houvesse muita comoção ou tristeza pela perda. Ariès descreve os batistérios dos séculos XI e XII como grandes cubas, tal como banheiras retangulares em formato de sarcófago nas quais as crianças eram mergulhadas.

Na arte, através da pintura e da gravura, os artistas captavam as fases da vida, da infância à velhice, dos séculos passados:

Primeiro, a idade dos brinquedos: as crianças brincam com um cavalo de pau, uma boneca, um pequeno moinho ou pássaros amarrados. Depois, a idade da escola: os meninos aprendem a ler ou seguram um livro e um estojo; as meninas aprendem a fiar. Em seguida, as idades do amor ou dos esportes da corte e da cavalaria: festas, passeios de rapazes e moças, corte de amor, as bodas ou a caçada do mês de maio dos calendários. Em seguida, as idades da guerra e da cavalaria: um homem armado. Finalmente as idades sedentárias, dos homens da

lei, da ciência ou do estudo: o velho sábio barbudo vestido segundo a moda antiga, diante de sua escrivãzinha, perto da lareira. As idades da vida não correspondiam apenas a etapas biológicas, mas a funções sociais; sabemos que havia homens da lei muito jovens, mas, consoante a imagem popular, o estudo era uma ocupação dos velhos. (ARIÈS, 1981, p. 29)

No entanto, ainda que houvesse pinturas nas quais havia crianças, estas desconheciam ou não queriam representar a infância. Os artistas pintavam crianças com rostos e corpos de homens adultos, num tamanho menor, como se fossem anões. Apenas o tamanho as distinguiu dos adultos. No livro de salmos de São Luís de Leyde, do século XII ou do início do XIII, Ismael, ainda bebê, pouco depois do nascimento, é representado com músculos e peitorais de um homem (ARIÈS, 1981)

Nas vestimentas, a criança também se igualava ao adulto e, assim que tinha determinada idade para abandonar a faixa de tecido que era enrolada em seu corpo, vestiam-na como homens e mulheres de sua classe social.

Segundo Ariès (1981), a representação realista da criança, com suas formas redondas e particulares foram próprias da arte grega. A forma como os românicos pintavam as crianças coincidia com a sociedade na qual viviam, onde a infância era desconhecida e as crianças eram mini adultos. Além disso, a infância era um período que durava pouco e logo seria ultrapassado e suas lembranças perdidas, ou seja, uma fase sem importância e que não era fixada na lembrança.

Quando a criança morria naturalmente também não causava muitas tristezas e, assim como as vivas, não era digna de ser recordada. Ariès (1981) esclarece que ainda no século XVII, havia na sociedade o sentimento de que apenas algumas crianças sobreviveriam. Logo, não se podiam apegar a algo que a possibilidade de perda era muito grande:

em *Le Caquet de l'accouchée*, vemos uma vizinha, mulher de um relator, tranquilizar assim uma mulher inquieta, mãe de cinco "pestes", e que acabara de dar à luz: "Antes que eles te possam causar muitos problemas, tu terás perdido a metade, e quem sabe todos. (ARIÈS, 1981, p. 44)

No século XVIII, a partir do surgimento do malthusianismo⁶ e da difusão das práticas contraceptivas, a vida da criança passou a ser mais valorizada. Com a cristianização dos costumes, também, surgiram novos olhares e sensibilidades em relação à criança, embora as condições demográficas não tivessem mudado muito do século XIII ao XVII e os índices de mortalidade infantil ainda fossem elevados. A descoberta e a valorização da infância, a partir do século XIII, podem ser percebidas na história da arte e nas pinturas dos séculos XV e XVI, desenvolvendo-se no fim do século XVI e durante o século XVII. Tanto que, no século XVII, grande parte das crianças, fossem nobres ou burguesas, não eram mais vestidas como os adultos e passaram a ter um traje reservado à sua idade, que as distinguia dos mais velhos. Mas essa mudança foi mais considerável para os meninos do que para as meninas: as meninas eram distinguidas dos adultos apenas pela presença de mangas falsas (deixadas de lado no século XVIII). Este insignificante fato, aparentemente banal, já demonstrava a visão que tinham desde sempre e que ainda permaneceria: a de que as meninas, mesmo na infância, estivessem mais próximas de serem adultas ou eram obrigadas a crescer mais rapidamente que os meninos.

Conforme Silvia Cárcamo, em “Infância e modernidade literária em Julio Cortázar (O olhar a partir das margens)” (2015), um fator de mudança foi quando a escola veio substituir a aprendizagem das crianças que, anteriormente, se dava pelo convívio com os adultos:

A criação das instituições escolares, a separação por idades, a invenção do livro de estudo, da literatura infantil, das teorias sobre a infância e o aparecimento de dispositivos destinados ao mundo infantil fazem parte de um mesmo processo. (CÁRCAMO, 2015, p. 1)

Neste sentido, após toda a institucionalização da infância através da escola, também passaram a pensar e escrever uma literatura destinada ao público infantil. A esse respeito, José Nicolau Gregorin Filho, em seu trabalho “Concepção de infância e literatura infantil”, tece o seguinte comentário:

⁶ Teoria demográfica elaborada pelo economista inglês Thomas Robert Malthus (1766-1834), em 1798, que acreditava que a população mundial cresceria em ritmo acelerado, ultrapassando a produção de alimentos.

Antes do século XVIII, via-se uma separação bastante nítida do público infantil. Os indivíduos pertencentes às altas classes sociais liam os grandes clássicos da literatura, orientados que eram por seus pais e preceptores; já a criança das classes mais populares não tinha acesso à escrita e à leitura, portanto, tomava contato com uma literatura oral e mantida pela tradição de seu povo e também veiculada entre os adultos. Não se via a infância como um período de formação do indivíduo, a criança era vista como um adulto em miniatura, uma etapa a ser rapidamente ultrapassada para que o indivíduo se tornasse um ser produtivo e contribuísse efetivamente na e para a comunidade. Vários exemplos há na literatura e no teatro em que se pode observar o tratamento às vezes áspero direcionado à criança. (GREGORIN FILHO, s/d, p. 107-108)

Deste comentário de Gregorin Filho, podemos destacar o tratamento áspero e, inclusive, bem violento que a família direcionava à protagonista de Cárdenas (2010): “a coluna me dói toda. Vovó me espancou como se fazia com os escravos” (CÁRDENAS, 2010, p. 37).

Apesar de alguns autores como Perrault e a Condessa de Ségur terem a preocupação de elaborar textos de literatura infantil, não existia uma literatura realmente infantil, pois era a mesma que se destinava ao público adulto, separada não por faixa etária, mas por classe social. Somente na segunda metade do século XVIII houve iniciativas para fazer a adaptação de clássicos da literatura como *Cinderela*, *As mil e uma noites* e *Fábulas*, além de outras histórias difundidas oralmente ou no papel (GREGORIN FILHO, 2009).

Lucimary Bernabé Pedrosa de Andrade, em “Tecendo os fios da infância”, ressalta que após o século XVIII, com o advento da burguesia, novas relações se estabeleceram e a criança passou a ser o centro da família, pois, “com o capitalismo e a propriedade privada, a criança passa a ser responsabilidade dos pais e, também, dona e herdeira das riquezas, misérias e valores sociais” (ANDRADE, 2010, p. 50). Esse cenário foi causado após a divisão entre as esferas pública e privada, no qual o Estado passou a ser o responsável pela administração do setor público e a família pelo setor privado, pelo espaço doméstico.

Segundo Barbosa e Magalhães (s/d), referindo-se aos estudos de Ariès, o sentimento de infância e toda a preocupação moral e pedagógica com relação à criança foram valores surgidos apenas na modernidade e, ainda assim, não contemplaram e nem contemplam a todas. As estudiosas ainda afirmam que tanto o trabalho infantil como o

abandono de menores foram intensificados durante o século XIX, sobretudo, após o advento da revolução industrial:

Isso se deu em função da mão-de-obra infantil ser considerada barata e propícia à exploração sem nenhum controle por parte das autoridades competentes, principalmente se tratando das crianças oriundas de famílias pobres. Este fato deu ênfase à discussão e à formulação de leis, entre outros recursos, para inibir a exploração da mão-de-obra infantil e conseqüentemente criar mecanismos para proteção da infância pobre e desvalida com a criação das políticas sociais. (BARBOSA; MAGALHÃES, s/d, p. 4)

Contudo, apesar de novos panoramas, de criação e implementação de leis, de literatura para crianças, de roupas, músicas, jogos, brinquedos, há crianças que não têm o básico, que são exploradas desde muito pequenas e que sofrem variados tipos de agressões que, mais tarde, deixam sequelas para o resto da vida. Neste sentido, como um pedido de socorro, a protagonista do romance aqui em destaque relata, na carta à sua mãe, um desejo seu:

Quero um céu em que as avós sejam boas e distribuam doces entre seus netos. Onde ninguém maltrate as crianças, nem as obrigue a fazer coisas que não gostam. Um céu onde ninguém me chame de beijuda nem de feia e onde eu não me sinta sozinha. (CÁRDENAS, 2010, p. 82)

Ao expressar seu anseio por um céu idealizado, no qual tenha tudo o que mais deseja, a criança nos mostra sua inocência e incompreensão perante as maldades dos adultos e também aquilo que lhe falta e que lhe faz falta. Mas será que para muitas crianças, a única expectativa de melhora é por meio de um céu ideal, pois no mundo real não restam esperanças? É através de ficções como as de Teresa Cárdenas e demais vias artísticas que podemos analisar o mundo e, neste caso, analisar o mundo infantil e a relação conflituosa entre o mundo e a mente do adulto interferindo, corrompendo e agredindo o mundo e a mente da criança.

3. O racismo na perspectiva de uma criança: uma análise do romance *Cartas para minha mãe*

A infância como produto da modernidade não pode ser compreendida se não for relacionada a fatores que contribuíram para sua construção, concebidos diante das necessidades estabelecidas pela racionalização do homem em contexto social.

La idea de la infancia aparece así como entrecruzijada inevitable, si bien con frecuencia sólo latente, de muchos de los rasgos fundamentales de la modernidad literaria. Ahí están la memoria, la temporalidad, el perspectivismo, el énfasis sobre la visión, el afán tan característicamente moderno por profundizar en nuevos umbrales de experiencias (la expresión es de Jauss), la preocupación de generar nuevas voces... (CABO ASEGUILAZA, 2001, p. 32)⁷

Portanto, não nos resta dúvida que a ideia que fazemos hoje de infância, rodeada de fantasias, cujos contos de fadas permeiam toda sua realidade e fazem parte dela tornando “real” tudo o que a imaginação permitir, se distingue, por exemplo, das crianças retratadas na pintura de *As Meninas*, de Diego Velázquez, ou do pequeno Lazaro, de *Lazarillo de Tormes*, crianças que “viveram” em uma época em que a infância que conhecemos não existia no território ficcional.

Cartas para minha mãe foi escrito em primeira pessoa e tem como personagem principal uma menina que, no início da narrativa, ainda é uma criança de dez anos. Negra e órfã, tendo perdido sua mãe e sem saber quem era seu pai, a criança passa a morar com a avó, a tia e as primas. Para abrandar a saudade que sente da mãe, a menina passa a escrever-lhe cartas no intento de reduzir sua solidão, de presentificar a mãe e diminuir a dor e a distância que estava sentindo em relação a ela.

Assim, é através das cartas que a estrutura romanesca é traçada pela autora, configurando o texto como um romance epistolar. Cada capítulo é uma carta da narradora à sua mãe. Para respaldar nossa visão sobre a estrutura da narrativa criada por Cárdenas (2010), esclarecemos que, para Carlos Reis, no *Dicionário de estudos narrativos* (2018),

O romance epistolar é um *subgénero narrativo* (v.) do romance(v.), cuja estrutura decorre do funcionamento textual da carta, dos seus modos de existência e da tradição cultural em que assenta a sua utilização literária e paraliterária. [...] A enunciação de um romance epistolar corresponde, *grosso modo*, a sucessivos

⁷ A ideia de infância aparece como uma ligação inevitável, embora muitas vezes apenas latente, de muitas das características fundamentais da modernidade literária. Nela está a memória, a temporalidade, o perspectivismo, a ênfase sobre a visão, o desejo caracteristicamente moderno de aprofundar novos limiares de experiências (a expressão é de Jauss), a preocupação de gerar novas vozes... (CABO ASEGUILAZA, 2001, p. 32, tradução livre)

atos de redacção de cartas. Esses atos instituem um *narrador* (v.) que se coloca numa posição temporal peculiar: no que diz respeito ao tempo da narração [...], instaura-se uma *narração intercalada* (v.) pelo facto de esse narrador de circunstâncias normalmente ser também uma personagem que relata a outra personagem acontecimentos por ela vividos algum tempo antes. (REIS, 2019, p. 448-449)

Exatamente como ocorre nas cartas de Cárdenas (2010), a narradora cria toda a diegese narrativa por meio das cartas e, nelas, relata à mãe morta, os acontecimentos diários de sua vida, pouco depois de acontecerem. As cartas começam com a menina relatando sua dor pela morte da mãe e dizendo que vai começar a escrever-lhe. Na sua primeira carta, conta um sonho que teve. Neste sonho, ela viu sua mãe:

Esta noite eu vi você nos meus sonhos. Você usava um rabo de cavalo bem comprido, amarrado com uma linda fita vermelha. Corria de um lado para outro do céu, empinando uma pipa feita de nuvens.

Não estava feliz, mas estava ali, correndo e pulando como uma menina de nove anos. Você parecia comigo, como se fosse minha filha, e não o contrário.

Chamei por você em vão. Foi triste. (CÁRDENAS, 2010, p. 9)

Podemos notar a fragilidade da menina que, no decorrer das cartas e do desenvolvimento do romance, vai mudando conforme a personagem amadurece. Após acordar, ela chorou e ninguém veio ver o que estava acontecendo com ela.

A partir do instante em que passa a morar com sua avó, tia e primas, a personagem passa por dolorosas situações de racismo provocadas pela própria família que deveria acolhê-la. A casa de suas parentes não se torna um lar, mas um lugar envolto no racismo que, dia após dia, se torna mais desagradável para a menina, tanto que numa de suas cartas, revela: “Desde então, todos me chamam de beijuda nessa casa onde eu não queria morar” (CÁRDENAS, 2010, p. 15 -16).

Ainda no início do romance, em suas primeiras cartas, a personagem escreve que começou a estudar. Ela era a menina “mais alta e mais preta da sala. Talvez, a mais triste também” (CÁRDENAS, 2010, p. 11). Contudo, na mesma carta, expõe o preconceito e a vergonha que Sara, uma colega de sua sala, clara de pele, sentia em relação ao pai que era negro. Quando o pai de Sara ia buscá-la ela disfarçava para que não o vissem juntos. A menina então reconsidera: “Acho que, de todos nós, a mais infeliz é Sara”

(CÁRDENAS, 2010, p. 12). E ainda afirma: “Um filho não deve sentir vergonha porque seu pai se parece com o carpinteiro Pedro. O amor não tem nada a ver com a cor.”
(CÁRDENAS, 2010, p. 12)

Para Beth Brait (1992), a narração em primeira pessoa reveste-se das seguintes particularidades:

A condução da narrativa por um narrador em primeira pessoa implica, necessariamente, a sua condição de personagem envolvida com os “acontecimentos” que estão sendo narrados. Por esse processo, os recursos selecionados pelo escritor para descrever, definir, construir os seres fictícios que dão a impressão de vida chegam diretamente ao leitor através de uma personagem. Vemos tudo através da perspectiva da personagem, que, arcando com a tarefa de “conhecer-se” e expressar esse conhecimento, conduz os traços e os atributos que a presentificam e presentificam as demais personagens. (BRAIT, 1985, p. 60-61)

Podemos perceber isso na narrativa de Cárdenas: tudo o que conhecemos, todos os acontecimentos passam pelo crivo da narradora. Como em uma passagem em que ela afirma que ia todos os dias para a escola junto com suas primas: Niña e Lilita. Num determinado dia, “antes de chegarmos à escola, Niña parou e ficou me examinando como se eu fosse um bicho raro: ‘na verdade, você é mesmo preta e beijuda’, disse ela. (CÁRDENAS, 2010, p. 77). Logo em seguida, Niña cuspiu nela, demonstrando o desrespeito que nutria pela menina, principalmente por ela ser mais escura e ter os lábios mais grossos. Niña era um reflexo do racismo praticado pela mãe mas, principalmente, pela avó. Contudo, sempre temos que ter em mente que até as construções da personagem de Niña e da Avó nos são relatadas pelo olhar dela, da memória da narradora.

No entanto, se a narradora sofria com o racismo e outras humilhações advindas dele, como violência verbal e física, como, por exemplo, cuspirem nela, podemos perceber desde o início do romance o quanto ela tem consciência de sua negritude e não tem vergonha ou complexo de inferioridade por ser negra e nem por ser humilhada nos atos de racismo que sua família comete contra ela. Isso fica evidente em muitas passagens. Em determinado dia, por exemplo, a menina encontra um espelho na rua. E, apesar dos preconceitos que sofre, apesar de seus parentes lhe chamarem de beijuda, a garota não se vê assim, ela não se deixa cegar pelo racismo dos outros e, ainda que seja

uma criança, tem em si a consciência que muitos adultos negros não têm: a de que o negro não é inferior ao branco e, exatamente por isso, não precisa imitar o branco, vestir as roupas, ter as feições ou o cabelo que os brancos têm.

Quando encontra um espelho, em vez de tentar encontrar defeitos ou se rebaixar por suas características físicas, o gesto da menina é o de contemplação frente às suas feições:

Agora, passo o tempo todo me olhando. A testa, os olhos, o nariz, a boca...

Sabe de uma coisa? Descobri que meus olhos são parecidos com os seus, que não podiam ser mais bonitos, e que minha boca e meu nariz são normais. Não gosto que digam que os negros têm nariz achatado e beirão. Se Deus existe, com certeza está furioso por ouvir tanta gente criticando sua obra. (CÁRDENAS, 2010, p. 19)

Em outra carta, a personagem relata que Menú - uma senhora que se torna sua amiga -, lhe ensinou a rezar. Contudo, ao se deparar com as imagens de Jesus, a menina questiona-se sobre a etnia dele. É de conhecimento geral que a aparência física de Jesus, na maioria das vezes, surge muito próxima das etnias europeias. Sempre branco, com olhos claros e cabelo castanho ou loiro, liso ou levemente ondulado. É, neste sentido, que a menina deduz que Jesus teria nascido na França, ou em países onde as pessoas nascem com tais feições. Mas quando foi investigar, para sua surpresa descobriu que Jesus havia nascido perto da África:

Mãezinha, você acha que Deus entende quando lhe falamos em africano? Eu acho que não. A velhinha das flores [Menú] me explicou que o Deus dos negros se chama Olofi [Deus para os religiosos afro-cubanos], mas é o mesmo Deus dos brancos, só que cada um coloca nele a cor e o nome que tiver vontade. E disse que Deus fez os homens de todas as cores porque ele é como as crianças, que não gostam de coisas iguais, que as deixam entediadas.

Imagino que muitos brancos não conhecem essa história [do Deus negro]. Eles não gostariam de adorar um Deus preto retinto e beirão, por mais misericordioso que fosse. Não iam achar bonito. (CÁRDENAS, 2010, p. 63-64)

A reflexão da menina quanto à adoração a um Deus negro é interessante, pois por séculos foi imposta ao indígena e ao negro a cultura europeia e, junto à cultura, também, a religião. Na religião cristã, o símbolo maior era e foi Jesus: homem, branco, olhos

claros, cabelos claros e lisos. O símbolo da salvação, do ser humano bondoso e sábio foi incorporado ao perfil deste tipo de indivíduo. Um Jesus negro estaria fora de discussão. Apesar de Jesus já estar cristalizado no nosso imaginário como esse homem branco e com as demais características europeias, temos que refletir sobre esses estereótipos e símbolos que conscientemente são colocados em nosso inconsciente, sem percebermos. Se os anjos são, quase sempre, representados como seres com asas, brancos, de olhos claros, cabelos loiros e cacheados, de almas bondosas, quando nos depararmos com pessoas que tiverem a aparência próxima, sentiremos, sem perceber, que a pessoa tem um ar “angelical”, parece um anjo e logo as associaremos às características dos anjos: bondosas, com alma de criança, puras, inocentes. Aos negros, muito pelo contrário, sempre houve os estereótipos que os colocavam como os selvagens animalizados, os ignorantes, os violentos, os agressivos. São estas associações preconceituosas que quase sempre se destacam quando vemos uma pessoa negra.

Outra personagem que surge na narrativa é Fernando, namorado da tia Catalina. Segundo a descrição, ele era “bastante claro e tem o cabelo quase liso. Vovó diz que titia teve sorte. Todas estão encantadas com ele. [...] Quando fala comigo, é para dizer: ‘Garota, traga o cinzeiro!’, ou: ‘Menina, vá pegar um café!’” (CÁRDENAS, 2010, p. 55). A menina diz que Fernando passa a se sentir o dono da casa e a tratar todas como se fossem suas empregadas, mas pelo menos era o único que não lhe chamava de beijuda. A garota descobre, mais tarde, que Fernando assediava Lilita e a obrigava a desnudar-se para ele. Constrangida, assim como sua prima, ela ajuda Lilita a se livrar deste assédio, enquanto a tia, sem saber (ou mesmo sabendo) disso, insistia no relacionamento.

O relacionamento de Fernando e Catalina tornou-se frágil, conturbado e sem respeito. A avó que no início era a favor, depois passou a não concordar com a relação dos dois e a pedir para que a filha terminasse tudo com ele. Mas Catalina não o queria deixar. Engravidou-se de Fernando, mas ele a abandonou. Fanon, no capítulo que se refere à mulher negra em relação ao homem branco, assim escreve: “Porém talvez elas [as mulheres negras] compreendam um dia ‘que os brancos não se casam com uma mulher negra’. Mas aceitam correr o risco, porque precisam da brancura a qualquer preço” (FANON, 2008, p. 58). Seja por causa da brancura tão desejada por sua mãe e por ela, seja por causa do complexo de inferioridade que a mulher negra pode ter em relação ao homem branco, Catalina não queria se separar de Fernando e, mesmo quando soube

que ele havia saído do país, não desistiu de procurá-lo porque, grávida, já tinha em si o fruto daquele possível branqueamento, mas precisava do pai branco para assumir o filho, mas também para assumi-la como esposa.

Segundo Fanon, as relações *negro x branco* podem ser sintetizadas do seguinte modo:

O negro tem duas dimensões. Uma com seu semelhante e outra com o branco. Um negro comporta-se diferentemente com o branco e com outro negro. Não há dúvida de que esta cissiparidade é uma consequência direta da aventura colonial... E ninguém pensa em contestar que ela alimenta sua veia principal no coração das diversas teorias que fizeram do negro o meio do caminho no desenvolvimento do macaco até o homem. (FANON, 2008, p. 33)

O sentimento de inferioridade faz os negros se comportarem e terem reações diferentes para com brancos. A avó do romance demonstra esse complexo de inferioridade. A narradora afirma que cada “vez que menciona a família para a qual trabalha, vovó diz ‘os brancos isso ou aquilo’, ou então ‘hoje a branca me disse...’. É assim que ela sempre falou deles” (CÁRDENAS, 2010, p. 87). Ao referir-se aos seus patrões por “brancos”, “branca”, se estabelece uma ponte, um distanciamento, entre a pessoa que fala e a pessoa de quem ela fala. E outro ponto: referir-se a alguém por “a branca”, “o branco”, “o negro”, demonstra que importa muito mais a cor do indivíduo do que seu nome.

No decorrer das cartas, conhecemos também Roberto. Roberto é um menino, branco, muito infeliz no início, devido à prostituição da mãe. A amizade entre ele e Menú o aproxima da personagem principal. Ambos tornam-se amigos e, no final, já adolescentes, namorados. Num certo dia, quando a avó pergunta à menina quem é o “branquinho” que andava com ela, não soube o que responder, pois tinha esquecido que seu amigo era branco: “Foi então que descobri que, quando gostamos de alguém, a cor da pele não tem importância. E, além do mais, é mais bonito dizer Roberto que ‘o Branquinho’” (CÁRDENAS, 2010, p. 88). Quando a protagonista afirma que havia esquecido que Roberto era branco, demonstra o quanto não é deslumbrada, como a avó e a tia em relação às pessoas brancas. Quando gostamos de alguém, a cor da pele torna-se insignificante a ponto de esquecermos de que cor somos e de que cor é a outra pessoa. Tornamo-nos apenas humanos, sem complexos de inferioridade ou de superioridade.

Como dito no início, a narradora começa a escrever cartas para sua mãe quando tinha dez anos. Termina o livro com quinze. Descobre, no final, que seu pai era o mesmo pai de Lilita e que sua mãe havia traído sua tia para ficar com ele. Por isso, a avó e a tia a maltratavam: porque descontavam nela a traição de sua mãe.

Para Candido (2002, p. 61), “O enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuitos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam”, assim, percebemos que a construção do enredo da narrativa de Cárdenas (2010) que finaliza com o desfecho da traição, de alguma forma, prepara a narradora para as revelações sobre o passado de seus pais.

Se o livro começa com as cartas de uma menina inteligente, crítica e consciente de sua negritude e dos preconceitos que sofre, porém ainda inocente, que acredita que as cegonhas surgem para trazer os bebês; no final, essa mesma menina, com os seus quinze anos, já demonstra maior amadurecimento: sabe que quer estudar para ser professora, para ensinar coisas que os alunos nunca mais esquecerão e que no futuro lembrar-se-ão dela.

Como no início, trazendo uma ideia de fechamento, de ciclo acabado, o final acaba com a protagonista relembrando um sonho que teve com a mãe, mas desta vez foi um sonho de despedida: “Você estava lá, com sua pipa, sorrindo para mim./ Então, de repente, você começou a crescer e se transformou em milhares de passarinhos que encheram o céu” (CÁRDENAS, 2010, p. 107).

A menina diz que perdoa os erros da mãe e perdoa a falta que ela faz em sua vida. Afirma que encontrará o pai. E encerra escrevendo que ela e a mãe irão se ver algum dia e que ela a ama, muito.

Nota-se um amadurecimento da protagonista, que inicia o relato como uma menina e termina como uma adolescente, consciente de sua origem, da verdade sobre o seu nascimento e, enfim, orgulhosa de sua cor, da sua etnia e acreditando num futuro promissor.

Considerações finais

A narradora do romance *Cartas para minha mãe* nos mostra, desde o início de suas cartas, a sua resistência enquanto criança/mulher negra. Criança, sem nunca ter conhecido o pai e tendo perdido a mãe, a protagonista se vê cercada por uma família que, mesmo sendo predominantemente negra, tem preconceito com ela devido aos seus traços mais fortes. Ainda que todas fossem do sexo feminino e negras é, inicialmente, por pessoas fora de sua família, distante de seus laços de sangue, que a menina se sente protegida e amada.

Apesar de sofrer muitos atos de racismo, vindos em grande parte de sua avó, a narradora não se intimida e demonstra o quanto a mulher negra tem que ser, desde sua infância, forte. Forte para superar as barreiras que a sociedade lhe impõe por conta de sua cor. Forte para elevar-se todas as vezes que tentam lhe rebaixar. Forte para não deixarem que lhe alisem os cabelos e que a deixem acreditar que seu cabelo é feio, do modo como ele é. Forte para fazer sobreviverem não apenas sua cultura e suas tradições, mas seu próprio corpo, sua alma e sua liberdade.

No romance aqui analisado, a narradora não se deixa intimidar pelos preconceitos e violências que sua família a fazem passar, inclusive pelos preconceitos velados que a sociedade mantém vivos, sem que percebamos.

O complexo de inferioridade imposto culturalmente ao negro que Fanon (2008) aborda e discorre no decorrer de sua obra, em nenhum momento, é perceptível nos relatos epistolares da menina. O racismo que poderia fragilizá-la mais, considerando que se tratava de uma criança que acabara de perder a mãe, é o mesmo racismo que a faz problematizar os preconceitos e os estereótipos em relação ao negro. O racismo, na obra de Cárdenas, em nenhum momento faz com que a garota se sinta inferior aos outros. Ao contrário, porém, faz com que ela adquira mais consciência de sua negritude e do preconceito que está imerso na sociedade. Ela não o aceita e se opõe a ele.

Quando enfatizamos que o racismo faz com que a protagonista do romance tenha mais visão crítica sobre os preconceitos raciais e mais compreensão de sua negritude e de si mesma, não estamos colocando pontos positivos nos atos de racismo. Longe disso, estamos mostrando que, onde o racismo existe, a melhor forma de lidar com ele é fazendo-o transformar-se em problematização e, nunca, em aceitação ou vitimismo. O racismo nunca é benéfico, principalmente, para quem o recebe, assim como a violência, as desigualdades sociais, as doenças. Mas o importante é como nós agimos frente ao

racismo, à violência, às desigualdades e às doenças, se elas passarem a fazer parte de nossas vidas.

A narradora não aceita o racismo e sem complexos de inferioridade vai, aos poucos, construindo sua identidade e compreendendo que ser negra e carregar toda a força que a negritude demanda não é para qualquer um: “Algumas pessoas não sabem ser negras” (CÁRDENAS, 2010, p. 20). Algumas pessoas negras se rebaixam por serem negras; outras negam sua cor e seus traços; outras fazem transformações para mudar suas feições; outras têm preconceito de si mesmas e de outros que possuem traços como os seus; mas a protagonista de Cárdenas não. Sua cor, seus traços, seu cabelo são motivos para que ela valorize e exalte ainda mais sua herança negra sem aceitar e sem normalizar os atos de preconceitos que sofria e, muito menos, rebaixar-se por causa deles. A cada ato de racismo, a menina crescia mais, a cada ato de amor, ela se humanizava mais. O racismo contra o negro jamais deve ser aceito como algo normal, mas também não pode ser sentido com o seu peso de inferiorização, mas ser revertido na consciência de sua própria negritude, em sentimentos de igualdade e de exaltação das culturas negras.

Referências

ALVES, Castro. **O navio negreiro e Vozes d'África**. [recurso eletrônico] – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013.

ANDRADE, Lucimary Bernabé Pedrosa de. Tecendo os fios da infância. In: _____. **Educação infantil: discurso, legislação e práticas institucionais** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 193 p. ISBN 978-85-7983-085-3. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

ARIÈS, P. **História social da infância e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2. Ed. Rio de Janeiro: LTC- Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1981.

BARBOSA, Analedy Amorim; MAGALHÃES, Maria das Graças S. Dias. **A concepção de infância na visão Philippe Ariès e sua relação com as políticas públicas para a infância**. S/d, p. 1-7.

BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 1985.

CABO ASEGUINOLAZA, Fernando. **Infancia y modernidad literaria**. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2001.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Salles. **A personagem de ficção**. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

CÁRCAMO, Silvia. Infância e modernidade literária em Julio Cortázar (O olhar a partir das margens). **Cadernos Neolatinos** (UFRJ), v.8, p. 3-16, 2015.

CÁRDENAS, Teresa. *Cartas para a minha mãe*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.

FANON, Franz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GATES, Henry Louis. *Os negros na América Latina*. Trad. Donaldson M. Garschagen. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

GREGORIN FILHO, José Nicolau Gregorin. Concepção de infância e literatura infantil. *Linha D' Água*, n. 22, p. 107-112, 2009.

EDITORA PALLAS. *Teresa Cárdenas*. Disponível em: <http://www.pallaseditora.com.br/autor/Teresa_Cardenas/128/>. Acesso em: 12 de ago. 2019.

REIS, Carlos. *Dicionário de estudos narrativos*. 1. ed. Coimbra: Almedina, 2018.

SOUZA, Bárbara Oliveira. *A ambígua condição negra em Cuba: Relações Raciais e Mobilizações Coletivas Antirracistas*. Tese (Doutorado) - Departamento de Antropologia/ Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade de Brasília. 2015.